

alicerce

da juventude socialista

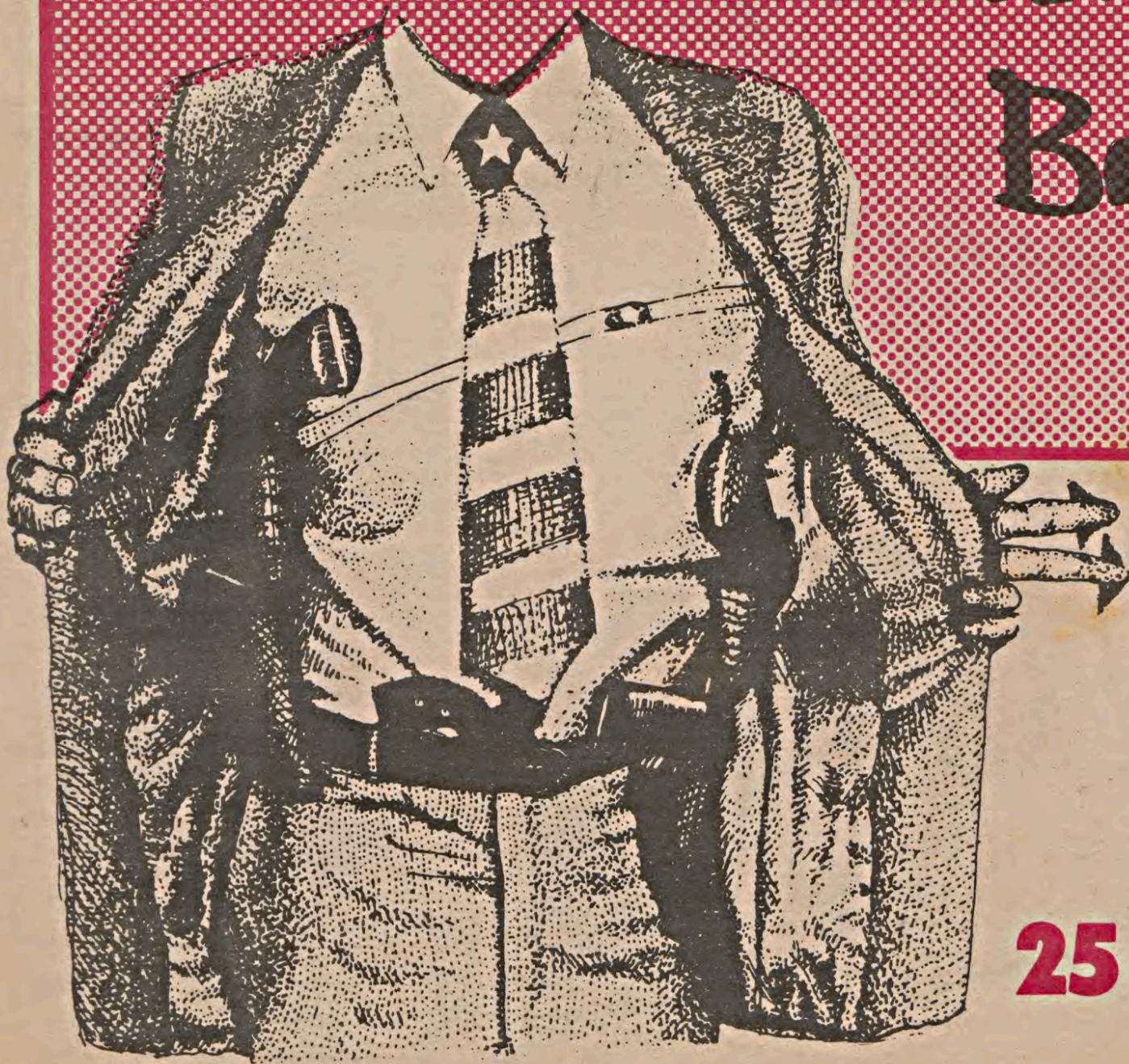


Nº 27

De 06/10/83 a 13/10/83

Cr\$ 150,00

FMI abre fogo contra o Brasil.



**A resposta
tem data
marcada:
25 de outubro**

Trotsky sobre a Greve Geral



Quando nos aproximamos da Greve Geral do próximo dia 25, lembremos o que escrevia Trotsky em 1935:

"A greve geral, como sabem todos os marxistas, é um dos métodos de luta mais revolucionários. A greve geral só se torna possível quando a luta de classes eleva-se acima de todas as exigências particulares e corporativas, estende-se através de todos os compartimentos das profissões e bairros, apaga as fronteiras entre os sindicatos e os partidos, entre a legalidade e a ilegalidade, e mobiliza a maioria do proletariado, opondo-o ativamente à burguesia e ao Estado. Superior à greve geral, só a insurreição armada. Toda a história do movimento operário testemunha que toda greve geral, quaisquer que sejam as consignas sob as quais surja, possui uma tendência interna a transformar-se em conflito revolucionário declarado, em luta direta pelo poder. Em outras palavras: a greve geral não é possível senão em condições de extrema tensão política, e por isso é sempre expressão indiscutível do caráter revolucionário da situação." (pg. 79)

"A importância fundamental da greve geral, independentemente dos êxitos parciais que possa obter (e que também pode não obter) residem no fato de colocar, de modo revolucionário, a questão do poder. Paralisando as fábricas, os transportes, todos os meios de comunicação, as usinas elétricas etc., o proletariado paralisa não apenas a produção, mas também o governo. O poder do Estado fica suspenso no ar. Ele precisa domar o

proletariado, pela fome e pela força, obrigando-o a recolocar em movimento a maquinária estatal burguesa, ou então retroceder ante o proletariado. Quaisquer que sejam as consignas e o motivo do surgimento da greve geral, se esta abrange realmente as massas e se as massas estão decididas a lutar, a greve geral coloca inevitavelmente, ante todas as classes da nação, a pergunta: quem vai ser o dono da casa?" (pg. 86)

(L. Trotsky, *Adonde va Francia?* Ediciones Pluma, 1974)

É o seguinte:

"É um prazer voltar a manter contato com vocês, e apesar da distância, sempre lembrando os laços dos nossos ideais socialistas. Visando, antes de tudo, a salvaguardar os interesses dos trabalhadores e estudantes (...)

A seca aqui no Nordeste é de 40º, não chove há dez meses aqui em Teresina. E a pobreza do homem do campo e daqueles que não possuem privilégios financeiros — é digna de nota a miséria em que vivem, aumenta dia a dia o número de flagelados. De tudo isso, devemos salientar que a indústria da seca dá proveitos aos desumanos burocratas do governo, enriquecendo os grandes latifundiários. O governador do Estado, Hugo Napoleão, inventou um tal de Projeto Mafrense, visando a irrigar 1.500 hectares de terra, entre o rio Paranaíba e o Município de Campo Largo, no norte do Estado, e esse é apenas mais um exemplo dos projetos faraônicos que só servem para beneficiar uns poucos felizardos da hierarquia burguesa. Os produtos da área citada, como sempre acontece, serão vendidos a preços inflacionários nos mercados do interior e da capital. (...)

Companheiros, ajudem o Nordeste, não da maneira como querem os militares, os burgueses, e todos os ricos da nação, antes, ajudem o Nordeste de maneira REVOLUCIONÁRIA, pregando o achatamento da pirâmide capitalista, a destruição dos "feudos latifundiários", realizando a contradição da retórica demagógica dos pelegos da oposição, e, além de outras atividades, lutando por tudo aquilo que venha a elevar o nível de conscientização crítica dos oprimidos. (...). Saudações Socialistas".

(Sá Batista - Sérgio Luiz - Piauí)

"O Punk é violento?, o Punk é moda?, o Punk é Punk?, Gilberto Gil é Punk?, muitas pessoas fazem essas perguntas, muitos "punks" também tem dúvidas, mas afinal onde ele veio?"

Sem tomar muito espaço, o Punk surgiu na Inglaterra na metade da década de 70, a partir dos filhos da classe operária, dos

desempregados e de outros-deserdados da burguesia. O Rock, a música foram o caminho natural para chocar, contestar, agitar contra a monarquia fascistoide de Thatcher; forma de unir os bandos de brancos, negros e asiáticos que infestavam os bairros pobres de Londres; forma de encarar os bandos nazistas do National Front; e desmistificar os ídolos milionários, sagrados e caducos do Rock; um instrumento na mão, uma música corrosiva na voz, uma ação de rua, um choque no visual.

Idas e vindas chegou no Brasil e não negou a raça. Contagiu novamente os filhos de operários, os desempregados e os deserdados da burguesia. "Fantásticos" e "Gilbertos Gils" à parte, conseguiu sobreviver até hoje (desde 76/77) com uma imprensa minúscula (mas eficaz), alguns suados discos e algumas bandas incendiárias.

Mas os Punks serão Nazistas? Anarquistas? Socialistas? Odamas? Porra nenhuma?. Apesar de alguns pousarem de porta-vozes do movimento, eles não existem — cada um tem uma visão — uma ação frente ao sistema.

Superar algumas confusões e a inércia por qual passa o movimento há algum tempo, seria um início de conversa.

Utilizar as formas, tanto de imprensa, da música, dos Shows, dos discos, das roupas para uma ação política determinada não vai "matar ninguém" (só vai aprovar o enfrentamento com o capital) afinal vários Punks tem uma intervenção no movimento secundarista e sem deixar de ser Punks.

Por isso fogo nas letras, nas guitarras, nos fanzines, na garganta de cada Punk e de cada revolucionário e fora com os monstros da burguesia".

W.A.S.
do Jornal (Lixo Cultural)



Encontre e discuta com Alicerce nestes endereços:

Amazonas - Manaus - Av. Constantino Nery, 812 - casa 5 - Centro

Pará - Belém - R. Rui Barbosa, casa 4 - Vila ABC

Maranhão - Imperatriz - R. Benedito Leite, 634 - Centro

Pernambuco

Olinda - Vila Marluce, 44 - Terminal de S. Benedito
Recife I - R. Álvares de Azevedo, 80 (trav. da R. João de Barros)
Recife II - Rua do Giriquil, 20, apto. 101 - Ed. Argentum

Minas Gerais

Belo Horizonte/Barreiro - R. Hoffman, 5-B (esq. com R. Olinto Meireles)
Belo Horizonte/Centro - R. Curitiba, 778 - sala 805
Contagem - Av. João César Oliveira, 3041-B - 2º andar
São João Del Rey - R. Mateus Salomé, 22 - sala 3 - Centro

Mato Grosso do Sul

Campo Grande - R. Antonio Maria Coelho, 2301 - c. 5 - Centro

Distrito Federal

Brasília - Edifício Marcia, sala 809 - SCS

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/Centro - Av. Marechal Floriano, 167 - 2º andar
Rio de Janeiro/Meier - R. Joaquim Meier, 600
Rio de Janeiro/Tijuca - R. Pereira Nunes, 129 - casa 1
Niterói - R. XV de Novembro, 106 - sala 4
Volta Redonda - Rua 208, nº 207

Rio Grande do Sul

Porto Alegre - R. Oswaldo Aranha, 934 - Bonfim
Passo Fundo - R. Independência, 640
São Leopoldo - Av. Bento Gonçalves, 1431
Santa Maria - R. Dona Luiza, 570 - subsolo

São Paulo

Campinas - R. Barão de Jaguará, 1385 - Centro
Santos - Av. Afonso Pena, 418 - s. 22 - Mácucó
São Carlos - Rua Episcopal, 1983
São José dos Campos - Av. Dr. Nelson D'Ávila, 1247 - salas 1 e 2
Ribeirão Preto - R. Prudente de Moraes, 791 - Centro
Araraquara - R. São Paulo, 75 - fundos

Grande São Paulo

Guarulhos - R. João Gonçalves, 468 - Centro
Osasco - R. Antonio Agui, 532 - 2º andar - s. 8 - Centro
Santo André/Centro - R. Santo André, 179
Santo André/Parque das Nações - Travessa Tebas, 36
São Bernardo do Campo - R. São Vicente de Paula, 15 - Centro
São Caetano do Sul - R. Pernambuco, 469 - Centro
Diadema - R. N. Sra. das Vitórias, 200

São Paulo/Capital

Santana - R. Voluntários da Pátria, 1617
Freguesia do Ó - R. Marapinima, 41
Lapa - R. 12 de Outubro, 325 - sala 9
Liberdade - R. Santa Madalena, 22
Santo Amaro - R. Cel. Luiz Barroso, 240
Ipiranga - R. Cisplatina, 849
Cidade Ademar - Av. Cupecá, 3397 - sala 2

O aumento do preço das gráficas nos obriga a aumentar também o preço do jornal. A crise também chega até nós.

Assine Alicerce

Nome _____
Rua _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____ Idade _____

Para receber ALICERCE todas as semanas, durante seis meses, faça um cheque nominal à ACS Editora Ltda. O valor é Cr\$ 2.400,00 (normal) ou Cr\$ 4.000,00 (solidária). Mande o cheque junto com o cupom acima para ACS Editora Ltda. R. Maestro Cardim, 1048. CEP 01323 - São Paulo-SP.



Trotsky	Minha Vida	Cr\$ 5.500,00
	História da Revolução Russa	Cr\$ 13.000,00
	Escritos (26 volumes)	Cr\$ 55.000,00
	Programa de Transição	Cr\$ 600,00
Marx/Engels	Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844	Cr\$ 3.500,00



Alicerce é uma publicação da ACS Editora Ltda. Rua Maestro Cardim, 1048, Liberdade, São Paulo - CEP 01323 - Fone: 289.1663. Diretor Responsável: A. Schreiner, Registrado no 5º Registro de Títulos e Docs. sob o nº 2330, livro A. Composição: Proposta Editorial Ltda. Fone: 263.3115. São Paulo. Impresso nas oficinas da Cia Editora Jorrués.

Corrupção de poucos, miséria de muitos

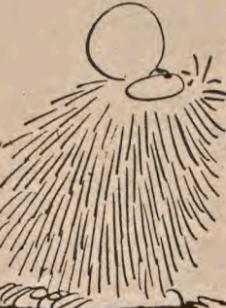
Quem não se lembra da CAPEMI?

Quem não se recorda do sofrimento dos peões da sua madeireira, que ficaram desempregados e sem receber por semanas a fio nas matas de Tucuruí? Pois bem. Agora, nos jornais está estampada a outra face dessa moeda. Veio à tona pelas fendas da crise que divide os patrões a fraude que envolveu a falência da CAPEMI e que fez desaguar centenas de milhões de cruzeiros nas mãos dos apaniguados do regime. O principal nome na longa lista dos envolvidos nesse escândalo é o do filho do general Figueiredo, Paulo Renato Figueiredo, sócio da empresa Metalquímica, beneficiada por contratos lesivos à CAPEMI (puro e simples desvio de dinheiro). O mesmo se deu com Nylson Cruz, irmão do comandante militar do Planalto, general Newton Cruz, que desviou dinheiro para sua empresa, a Servix Engenharia.

A rota da corrupção, de Brasília, se estende até aos Estados governados pela oposição. Em Minas Gerais descobriu-se que o Banco de Crédito Real, um dos dois bancos oficiais do Estado, através de tráfico de influências com a Secretaria do Planejamento de Delfim, concedeu 33,2 bilhões de cruzeiros em créditos irregulares a empresas nacionais e imperialistas. Os juros para empréstimos bancários variam entre 5 e 6% ao mês. Pois o CrediReal concedeu 424 milhões de cruzeiros à Comexport, de propriedade de

Flávio Pécora, secretário de Delfim na SEPLAN, a juros de 1,31% ao mês. A Coroa-Brastel, empréstou 1 bilhão nas mesmas condições. E às multinacionais como a GE, a Roche, fez empréstimos que variam de 660 milhões a 1,2 bilhões de cruzeiros a juros ainda mais baixos: 1,16% ao mês! E o governador Tancredo Neves, do PMDB, fez de tudo para impedir que a Assembléia Legislativa de Minas instaurasse uma CPI para investigar esses fatos.

Tudo isso contrasta com a fome dos trabalhadores, atingidos pelos "planos de austeridade" da ditadura e do imperialismo. **Esse é o quadro que o regime militar e o capitalismo tem a oferecer: a máquina do governo, corrupta até as entranhas, sustentando pelos meios mais desprezíveis e desavergonhados os lucros e os negócios dos patrões, já enriquecidos às custas da nossa miséria. Roubo sobre roubo. Exploração sobre exploração. A isso se resume a "dignidade" que Figueiredo diz defender ao exigir a cassação de Juruna.**



Caso Juruna:

A ditadura baixa a borduna

Através de um pronunciamento do deputado Mario Juruna, do PDT, a crise voltou a se instalar no Congresso. Pela primeira vez em 19 anos de ditadura, o conjunto dos ministros e o próprio ditador foram brindados, na Câmara, com afirmações do seguinte tipo: "Todo ministro é corrupto, todo ministro é ladrão, todo ministro é mau caráter" ou então "parece que este presidente, também ele é contra o índio, é contra o povo".

A reação da ditadura não tardou. Os ministros saíram a campo, por ordem direta de Figueiredo, exigindo nada menos que a cassação de Juruna. Com isso, governo e Congresso entraram em rota de choque. A ditadura investiu contra um parlamentar eleito pelo voto popular (ao contrário dos homens do regime que nunca foram eleitos por ninguém) e que representa uma comunidade oprimida e ameaçada pela dizimação pura e simples, a comunidade indígena. Acontece que esse ataque, logo após a queda do 2024, é algo mais do que um simples revide do governo militar. Este sabe que não dispõe mais do antigo controle sobre o parlamento em função de sua crise e que, por isso, não pode garantir que o decreto 2045, cuja aprovação é exigida pelo imperialismo, deixe de ser rejeitado. Assim, para tentar cumprir as determinações do FMI, a ditadura desencadeou uma violenta pressão sobre o parlamento, para forçar os partidos burgueses de oposição, que se dizem dispostos a barrar o 2045, a negociar. E a primeira reação desses partidos, foi simplesmente vergonhosa. O confronto armado por Figueiredo não se deu porque o PDT, o PMDB e o PTB, ao invés de

defenderem decididamente a Juruna sustentando suas afirmações, que são verdadeiras, optaram pelo pedido de desculpas ao ditador, afirmando que o ex-cacique xavante não domina o português, que ele não conhece o significado da palavra ladrão, e outras hipocrisias pelo estilo. O próprio presidente do PDT, Leonel Brizola, chegou a dizer que "o coitado é índio e se confundiu, pois queria era atacar os fazendeiros que invadem as terras dos índios".

Ou seja, para eles, Juruna é um imbecil e o governo não é corrupto. Por isso, o mesmo Congresso que derrubou o 2024, decidiu reprimir Juruna pelas suas afirmações. E é nesse parlamento burguês que os pelegos e stalinistas querem que nós, trabalhadores, confiemos os nossos destinos!

Mas, se os partidos e governos de oposição se encolheram como cão sem dono, a classe trabalhadora soube defender Juruna com destemor "Juruna tem razão, Delfim é ladrão!" gritaram 10.000 trabalhadores no Rio de Janeiro, durante a concentração do dia 30, que se transformou, contra a vontade dos conciliadores, numa grande manifestação de divulgação da Greve Geral de 25 de outubro. Que nome pode ter quem, como Figueiredo e seus ministros, vende o país ao imperialismo e se enriquece roubando os trabalhadores através de falsificações do INPC, decretos de arrocho, ou fraudes do tipo CAPEMI, Coroa-Brastel, "polonetas", etc. etc.? São corruptos sim. São a expressão mais decomposta de um regime decomposto. E, por isso, têm que ser tirados do poder que usurparam. Nós, trabalhadores, no dia 25 estaremos nas ruas lutando por isso.

A política do FMI para o Brasil:

Terra arrasada!



JORGE ARISTEU 72

"Não há saída para o Brasil a não ser uma forte disciplina interna durante vários anos, a um alto custo social". Essa frase, de caráter "disciplinador" foi dita pelo ex-secretário do Tesouro dos EUA William Simon. "O Brasil desaparecerá pelo ralo." Essa foi a frase higiênica do presidente do FMI, Jacques De Larosière. Como vemos, nas duas últimas semanas, o Brasil se "elevou" à condição de assunto obrigatório dos políticos e banqueiros imperialistas. O motivo? Eles querem se certificar que o país continuará a pagar sua dívida externa. Para isso exigem a aprovação do decreto 2045, isto é, a continuidade e o aprofundamento da política de arrocho salarial, sem o que não haverá novo acordo com o FMI e, tampouco novos empréstimos.

O sistema capitalista mundial atravessa hoje uma das suas mais profundas crises. Três fatos o comprovam: a recessão e o desemprego nos países imperialistas, a ida da maioria dos países ao FMI e o ascenso mundial das lutas dos trabalhadores, que reagem à fome e à exploração capitalista. Esta crise provocou uma reversão na atitude dos banqueiros americanos, coração e cérebro do imperialismo internacional. Estes, durante anos (de vacas gordas) emprestaram dinheiro ao Brasil, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, etc., a juros astronômicos. Agora, para poderem enfrentar a crise que se instalou em seus próprios países, passam a drenar o capital dos países atrasados, através da sangria do pagamento dessas monstruosas dívidas e de seus juros. No Brasil, apenas o pagamento dos juros significam a retirada de 250 milhões de dólares por semana. O resultado disso para o Brasil e para o conjunto das nações devedoras, principalmente do Cone Sul, é o que estamos vendo à nossa volta: metade da população chilena desempregada, inflação de 450% na Argentina, fome nunca antes vista no Brasil, etc. Mas mesmo a sangria tem que ter um limite, e esse limite está na capacidade dos países latinoamericanos de continuarem pagando essas dívidas e seus juros. Nesses países, o limite estourou. Novos empréstimos são necessários para que possam pagar o que devem. E, para concedê-los, os imperialistas impõe a submissão direta dos países devedores aos Estados Unidos, através do FMI.

O FMI nos reduz a semi colônia dos EUA

O que significa isso? Significa que estes países, ao assinarem os acordos com o FMI passam a ser controlados por este. Lembrem quando isso ocorreu com o Brasil pela última vez? Na época em que éramos colônia de Portugal. A metrópole decidia com quem podíamos comerciar, quando deveríamos pagar, etc. Obviamente, não voltamos à condição de colônias, mas o controle do FMI sobre nossa economia nos coloca na condição de semi colônia. Esta condição semi colonial garante aos banqueiros americanos o

pagamento da dívida externa e de seus juros. O FMI busca garantir isso de um modo simples: só há novos empréstimos se as ditaduras extorquirem o máximo de dinheiro de nossos países, levando-os à recessão. Isso é feito via enormes arrochos salariais contra os trabalhadores. É por meio dessa super exploração que os EUA hoje conseguem uma certa recuperação econômica, de fôlego curto, já que está baseada no parasitismo e não no desenvolvimento da capacidade produtiva.

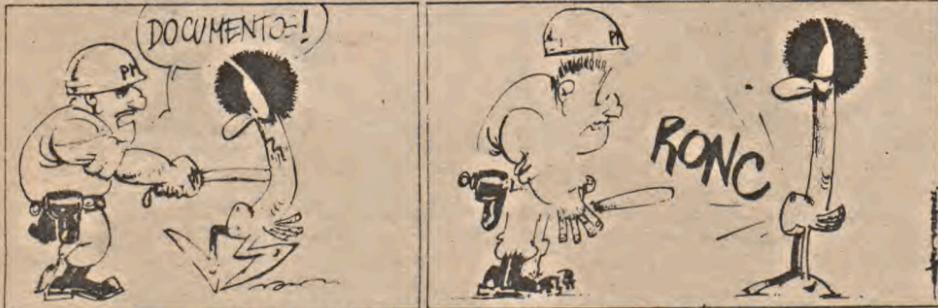
Nas greves gerais contra o FMI, se aproxima a revolução latino americana

Por isso ocorre a gritaria dos parasitas imperialistas contra a possibilidade de não ser aprovado o 2045 no Congresso Nacional. O que está em jogo é a política de super exploração com a qual eles movimentam sua economia. O Brasil, sendo o maior devedor do mundo, concordando com os planos de recessão e de arrocho propostos pelo FMI, serviria de exemplo para os demais países do Cone Sul, que sofrem o mesmo tipo de pressão e o mesmo tipo de expropriação de suas economias, fazendo recair sobre os trabalhadores o peso da recessão e da fome. Mas, se a ação do imperialismo é geral, a resposta da classe trabalhadora latino americana também o é. Assim, os trabalhadores do Peru realizaram uma greve geral contra o FMI há duas semanas; na Argentina a fizeram nesta semana; e os trabalhadores venezuelanos, bolivianos, colombianos e equatorianos também resolveram realizar suas greves gerais contra o FMI e seus governos entreguistas. No mesmo caminho estão os trabalhadores brasileiros com a Greve Geral de 25/10. Na contrapartida da selvageria do imperialismo em sua crise de decomposição, está a Revolução dos trabalhadores latino americanos, que começa a se ensaiar nesses grandes enfrentamentos.



Saques:

A fome é maior que o medo



Os saques se alastram em todo o país como fogo em palha seca. A cena é semelhante em todos os lados: 50, 100, 300 pessoas, principalmente mulheres e crianças, desempregados, trabalhadores que veem seus filhos condenados à fome, se reúnem, entram num supermercado ou mercearia e pegam o que necessitam para matar a fome de sua família. No mês de setembro aconteceram 227 saques em todo o país. O Nordeste é o recordista brasileiro (93) e também a região onde os saques têm maior participação das massas populares. No Rio Grande do Norte, por exemplo, mais de mil flagelados, principalmente mulheres, saquearam o posto da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agropecuário da cidade de Jardim das Piranhas, levando várias toneladas de alimentos. O mesmo aconteceu em mais 6 cidades do Rio Grande do Norte e em Tabira, no Sertão do Pajeú, em Pernambuco.

O Rio de Janeiro vem logo em seguida com 84 saques, e por último São Paulo com 50 só no mês de setembro (dados da revista Veja de 5/10). Mas é em São Paulo que o movimento tem crescido mais nestes últimos 10 dias. Dos 73 saques da semana passada, 42 foram em São Paulo. Enfim, nos nove meses de 83 houve mais de 400 saques em todo o país.

Toda a burguesia se apavora. As pressões sobre o governo Montoro crescem, exigindo que ele tome uma atitude repressiva violenta sobre as massas que saqueiam. A Associação Comercial fez insistentes pedidos de mais repressão e comerciantes começam a se armar para proteger sua propriedade privada. Um trabalhador já morreu e duas mulheres foram baleadas em Diadema. A situação está ficando cada vez mais tensa e existem dúvidas entre muitos companheiros trabalhadores e estudantes. Os saques são justos? São um método correto de resolver os problemas dos trabalhadores?

A fome é mais forte que o medo!

O motivo dos saques é mais do que justo. Um trabalhador desempregado que vê sua família sem nada para comer, uma mãe que não tem condições de sustentar seus filhos, um trabalhador que ganha um salário mínimo só têm uma opção imediata para sobreviver: saquear. A fome está fazendo com que milhares de pessoas percam o medo da repressão, dos limites sociais estabelecidos pela sociedade burguesa, como o respeito à sociedade privada. Na verdade, os saques refletem um aumento na

consciência dos trabalhadores. Hoje eles garantem a sua sobrevivência da maneira que podem, mas não deixam seus filhos morrerem de fome. É uma forma de *defesa* mínima das massas diante dos ataques brutais do imperialismo, da ditadura e dos patrões que levam os trabalhadores à miséria absoluta. Os trabalhadores se sentem mais fortes depois destas ações porque sabem que pelo menos por um tempo não vão morrer de fome. Por isto, a prática dos saques, que durante muito tempo foi restrita ao Nordeste, se estendeu ao Sul do país trazida pelo aumento violentíssimo da crise econômica, ou seja, do arrocho salarial e do desemprego.

A solução é outra

Os saques no entanto não são a solução. Diminuem a fome imediata e impedem que o povo trabalhador morra de fome, mas não resolvem o problema da alta de preços, nem do rebaixamento de salários e muito menos do desemprego. Estes são os problemas de fundo que levam os trabalhadores à situação de total desespero. É preciso atacar estes problemas de fundo. Por isto é preciso unir as reivindicações dos desempregados, das donas-de-casa, do povo em geral às que estão levantadas na Greve Geral do dia 25.

Os desempregados lutam por um salário-desemprego, pago pelo governo, por um plano de obras públicas, também feito pelo governo, que dê trabalho para todos. O conjunto do povo trabalhador luta contra o arrocho salarial, cujo ponto maior está no decreto-lei 2045. E outra medida imediata e fundamental para barrar o sufoco em que estamos todos é o congelamento imediato dos preços dos alimentos.

Os bairros durante a Greve Geral

Muitos bairros e favelas têm se colocado na frente dos saques. É preciso ir além desta ação mais simples e imediata e começar a organizar os bairros para a Greve Geral que incorpore as reivindicações colocadas acima. A CUT está chamando à formação de *Comandos de Base* também nos bairros para a organização da Greve Geral. Aí podem estar os desempregados, as donas-de-casa, os estudantes secundaristas, etc. E estes comandos de base podem e devem se transformar depois da greve em comitês de desempregados, comitês de vigilância de preços, etc. Assim, a Greve Geral do dia 25 caminhará para ser uma grande manifestação popular contra a fome. E muito maior e mais profunda que os saques.



25 de outubro:

Começou a c

DIA 30:

Tiro pela culatra



Alicerce presente no Dia 30.

O tiro dos pelegos e stalinistas saiu pela culatra. Esse setor, ao articular as grandes manifestações do dia 30, contra o decreto 2045, tinha o objetivo de limitar essa luta aos atos em si, canalizando-os para a pressão sobre o Congresso Nacional e buscando evitar que fossem pontos de apoio para mobilizações superiores, como a Greve Geral do dia 25. Não foi isso que ocorreu nos principais Estados. A existência da CUT e a sua participação nesses atos, em que pese as desigualdades e debilidades dessa intervenção, contribuiu decisivamente para que não fosse assim.

No Rio de Janeiro, por exemplo, onde ocorreu o maior ato, com 10 mil trabalhadores, a participação da CUT estadual, **que corretamente decidiu convocar e mobilizar para ele**, significou uma grande derrota para os pelegos. Os stalinistas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) têm no Rio um de seus principais pólos de influência sindical mas mesmo assim não conseguiram impor sua direção, tanto na passeata que se dirigiu à Cinelândia e que teve a coluna da CUT na vanguarda, como no ato. Foram forçados a dar palavra à CUT e não puderam impedir que a convocação para a Greve Geral se impusesse sobre o conjunto. Este ato se colocou, de fato, a serviço do dia 25 e de sua convocação, o que infelizmente, não ocorreu com a mesma profundidade em outros Estados em função da timidez das respectivas CUTs regionais.

Em São Paulo, a presença da CUT no ato da Praça da Sé, com 7 mil pessoas, foi suficiente para abrir espaço a uma intervenção e à divulgação da Greve entre os presentes. Mas, diferentemente do Rio, não podemos dizer que os ativistas tenham sido ganhos para organizá-la de fato. Isso foi assim

porque a CUT decidiu apenas comparecer à manifestação, sem convocar ou mobilizar para ela. Com isso, os êxitos obtidos na Praça da Sé foram mais modestos, permitindo uma avaliação segura: se a CUT houvesse mobilizado, poderia ter golpeado a fundo o principal reduto dos pelegos, onde está instalado Joazeiro, **ganhando** sua base para a Greve. Esse equívoco da pró CUT esteve na raiz de um recuo mais sério: ao final do ato, a CUT cedeu à pressão do PC, que se jogou contra a saída de uma grande passeata para divulgar a Greve Geral.

Nos demais Estados, a presença da CUT também foi marcada por essas desigualdades. Em Recife, por exemplo, jogou um papel intermediário, aquém do Rio, mas com um impacto superior ao de São Paulo.

Esse quadro fundamenta a avaliação inicial: **nos principais atos a presença da CUT abriu espaço para a divulgação da Greve Geral**. Entretanto, com uma política agressiva por parte da Direção Nacional no sentido de mobilizar para eles, esse resultado teria sido bem superior; teria feito do dia 30 um ponto de apoio para a sua preparação.

Nós, de Alicerce, desde o início defendemos essa política agressiva para o dia 30. Em todos os atos, estivemos na linha de frente da intervenção da CUT. No Rio, mobilizamos e lutamos pela direção do ato junto à CUT estadual. Em outros lugares, infelizmente, não foi assim pela atuação tímida das direções da CUT. Em São Paulo, isso se expressou na passeata que arrastamos após o ato (700 pessoas) e no ato relâmpago que fizemos ao seu final (mil pessoas). Essas iniciativas seriam incomparavelmente superiores se tivessem sido dirigidas pela CUT paulista.

ontagem regressiva



Os saques de abril do ano passado em São Paulo foram os primeiros sinais do que viria a ser a Greve Geral de 21 de julho. As faces de desespero dos que agarravam alimentos nos supermercados eram de pais e mães de famílias operárias desempregados pela crise, que queriam simplesmente comer. Não tendo como conseguir comida, nem como lutar para derrubar esta ditadura, saíam para saquear. A 21 de julho o movimento operário deu a resposta ao governo.

Hoje os saques são em número muito superior aos de abril. Abrangem o Nordeste, o Rio de Janeiro e São Paulo, e ameaçam virar rotina. A radicalização e a fome são maiores que em abril. O medo é menor. Em todos os lugares do país o povo trabalhador se agita. Os bairros pobres das grandes cidades são barris de pólvora. Só o movimento operário pode conduzir estas explosões a uma vitória através da Greve Geral, contra o 2045, o arrocho, o desemprego, contra a ditadura que, para pagar a dívida externa, condena à fome os trabalhadores. O dia 25 de outubro pode ser o início da derrubada da

ditadura de Figueiredo. A greve geral dirigida pela Central Operária Boliviana derrubou a ditadura militar em seu país em 1982.

Mas ainda não existe clima de greve. Ainda não existe ligação entre a bronca dos trabalhadores e o conhecimento e organização da Greve no dia 25 de outubro. Os trabalhadores ainda não sabem da proposta e nem estão organizados. Mas a arrancada para a sua organização já foi dada, com reuniões em todos os Estados, como está descrito nesta página.

Os atos do dia 30, ao contrário do que queriam os pelegos, acabaram ajudando à divulgação da Greve Geral, a partir da intervenção da CUT (infelizmente só em algumas regiões), a qual nós, de Alicerce, nos orgulhamos de ter impulsionado. Mas ainda falta muito. E você que está nos lendo: venha organizar conosco a Greve Geral. Em sua empresa ou escola, você pode ajudar a organizar um comando de base pela greve geral. Venha conosco para as panfletagens e pixações pela Greve Geral.

Todos os esforços são necessários e as vacilações só podem confundir. A direção da CUT vacila quando alguns de seus dirigentes dizem que se o decreto-lei for derrotado no Congresso ou retirado pelo governo, a Greve poderá não ser lançada.

Alguém duvida que o arrocho continuará? A Greve foi definida pelos mais de 5000 delegados do CONCLAT, contra o arrocho salarial, do qual o 2045 é apenas uma face, contra o desemprego, por eleições diretas, e pelo não pagamento da dívida. Se o decreto-lei 2045 for derrotado pelo Congresso, nós chamaremos o arrocho por outro nome, talvez de decreto 2082 ou algo semelhante. Por outro lado existem quase 10 milhões de desempregados ou subempregados que têm na exigência de empregos a sua principal reivindicação. Daí se originam os saques. A CUT e a classe operária só responderão às necessidades da luta contra a ditadura se mantiverem a Greve pelo conjunto do programa votado pelo CONCLAT. É o que todos esperam.

A preparação da Greve nos Estados

RECIFE

A CUT em Recife tem base no Sindicato dos Metalúrgicos, na Associação dos Professores (APENOPE), nas entidades de vigilantes e securitários, e em diversas oposições sindicais. Para a preparação da Greve conta-se ainda com a União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas que realiza em 23 de outubro um Encontro, chamado para discutir o apoio ao dia 25.

As reuniões de preparação da Greve, no entanto, ainda são restritas com direito a voto somente para os que foram delegados ao CONCLAT, ao contrário das reuniões abertas de todo o país.

BELÉM

A Greve Geral em Belém também começou a ser organizada. As plenárias de discussão e a sua preparação estão organizando a vanguarda em torno da CUT.

A CUT na região conta com o apoio do Sindicato dos Gráficos de Belém, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, do Comitê pró-Associação dos Professores, e de inúmeras oposições sindicais, além da Comissão de Bairros de Belém.

Diversas mobilizações deverão confluir para a Greve Geral. Os professores de 2º grau entram em greve já no dia 3 de outubro. Nos bairros de Belém cresce a campanha pelo direito de morar. Já está programado também um ato no centro de Belém no próprio dia 25 para centralizar toda a mobilização.

São Paulo

A reunião das entidades chamada pela pró-CUT/SP no dia 28/9 conseguiu impulsionar os ativistas na organização da Greve Geral. Assim neste fim de semana, em São Paulo, todas as zonas realizaram reuniões com sindicatos, oposições sindicais, entidades estudantis (entre elas a UMES e UPES), pastorais operárias, núcleos do PT, associações, com o objetivo de implementar o plano traçado pela pró-CUT/SP.

Por serem reuniões iniciais não foram muito massivas, mas os ativistas presentes conseguiram elaborar atividades para ampliar a participação e organização da CUT e da Greve Geral em suas zonas. Na zona Leste, por exemplo, os ativistas marcaram para o dia 16/10 a eleição da

coordenação da CUT da zona. Apesar da data ser muito próxima à da Greve Geral, ela se torna em uma referência para o trabalho dos ativistas. Na zona Sul, além de chamarem uma Assembléia da Região para o dia 12/10, marcaram para os dias 6 e 7/10 panfletagens nas fábricas da Chácara Santo Antonio e Avenida das Nações Unidas, como nos conta Fausto Pinheiro, diretor da UPES e um dos coordenadores na região na organização da Greve Geral, escolhido na reunião da pró-CUT do dia 28.

Impulsionar a Greve Geral é a tarefa principal na qual devemos nos empenhar. No dia 13/10 a pró-CUT/SP realizará nova reunião das entidades e no dia 15/10, na Associação dos Servidores, às 16 hs, realizará uma Assembléia Geral para escolher a diretoria efetiva da CUT-SP.

Desempregados - São Paulo

José Carlos Dias e sua cortina de fumaça

O acampamento dos desempregados em frente à Assembléia Legislativa vem sofrendo todos os ataques possíveis na tentativa de desmobilizá-lo e diminuir o impacto que causaram mostrando a inoperância do governo Montoro.

Estes ataques atingiram o seu clímax quando José Carlos Dias, secretário da Justiça, membro do PMDB e da Igreja, declarou que o acampamento dos desempregados era um "camping do PT". O ataque aos desempregados e ao PT tem como objetivo descaracterizar o movimento para com isso encobrir a postura do PMDB de ser instrumento privilegiado em muitos Estados para impor o arrocho, pois até agora não atendeu a nenhuma reivindicação dos trabalhadores.

A Igreja, apesar do importante ato realizado no dia 25/9 com 50 mil pessoas na Praça da Sé reivindicando trabalho e salário justos, apesar do apoio inicial dado à luta dos desempregados, hoje tenta controlar o acampamento para desmobilizá-lo.

Os desempregados, por seu lado, cederam em parte às pressões. Apesar do seu exemplo de luta e firmeza ao permanecerem até agora no acampamento, não conseguiram estender o movimento aos 1 milhão de desempregados de São Paulo, o que poderia garantir a moral dos acampados como ampliar em muito a força do movimento para o atendimento das reivindicações.

CECLAT-ABC

O Ceclat do ABC, que será realizado neste fim de semana (dias 8 e 9) tem uma importância decisiva para a preparação da Greve Geral. Será o único Encontro Regional a ser realizado antes do dia 25 e portanto tem todas as condições de garantir uma boa preparação no ABC. E isto significa principalmente que se garante a paralisação de todas as categorias já que o enorme peso dos metalúrgicos da região facilita a esta tarefa. Outro elemento muito importante é a organização dos bairros através de comandos de base, como está planejado para os locais de trabalho. No ABC, vanguarda tradicional das lutas operárias, esta tarefa será mais produtiva. Daqui até o dia 25 o negócio é trabalhar duro.

Oposição dos Químicos Campinas Primeiras vitórias

Em Campinas, os trabalhadores químicos organizaram uma oposição sindical combativa para enfrentar a pelegada do sindicato. Sob a bandeira da CUT, os companheiros já conseguem as primeiras vitórias. Há poucos dias, realizou-se uma assembléia da campanha salarial e duas derrotas decisivas foram impostas aos pelegos. A primeira se referiu ao chamado desconto assistencial feito no pagamento de todos os trabalhadores no período de dissídio coletivo. O emprego desse dinheiro nunca foi explicado pelos burocratas, mas todos sabem que ele vai mesmo é para o bolso desses parasitas. Na votação, só a diretoria ficou a favor da sua manutenção. A segunda vitória foi a aprovação de um plano de mobilizações para preparar a categoria para a Greve Geral do dia 25, contra a vontade dos pelegos. É isso, companheiros. A luta é por aí.

Argentina

A pesar de los esfuerzos de los dirigentes sindicales y de la Iglesia

LAS BASES EMPUJAN A LA HUELGA GENERAL

A pesar de los esfuerzos de los dirigentes sindicales y de los obispos, cerca de dos millones de trabajadores están en conflicto. Medio país lucha por aumentos de salarios: estatales, bancarios, docentes, ferroviarios, ferroviarios, docentes, judiciales, ferroviarios, trabajadores en fábricas y obras y hasta políticos.

Los que luchan, logran conquistas. La mejor prueba es la Casa de Moneda. Los trabajadores de ese sector estatal consiguieron un sueldo inicial de 4.000 pesos argentinos por mes. Para obtener esa mejora, pararon e hicieron marchas callejeras.

Si usted, compañero, es metalúrgico, mecánico o plástico, y no hay en su trabajo un im-

cial de 4.000 pesos mensuales, sepa que es por responsabilidad de sus dirigentes. Lorenzo Miguel, José Rodríguez o Jorge Triaca tienen la culpa de los bajos salarios, porque no se ponen a la cabeza de la lucha y, por el contrario, hacen todo lo que pueden para frenarla.

El diario Clarín del domingo atribuye a un dirigente sindical la siguiente frase: "En la Argentina los únicos que no hacen paros son los dos CGT". Es lamentablemente cierto. Los que deberían estar a la cabeza de las luchas que deberían estar a la cabeza del gobierno para evitar la huelga general.

Los gremios y sectores que han logrado algo

lo han hecho pasap dirigentes. Precisa, posible paro general es porque tienen a do el país esté pa-

Si usted quiere que la carestía lo que sepa que el úni para poder luc encima de los cato.

¿Que les in seria, si no la

CONCURSA A LOS ACTOS SOCIALISTAS

Para el sábado 20 a las 21.00, se realizará en el local de Velez Sarsfield (Barrío de Mataderos, en Coghina 6837)

El sábado 20 a las 19.00 se realizará en el local de Velez Sarsfield (Barrío de Mataderos, en Coghina 6837)



Bajo la sombra de Isabel, terminó la interna del PJ, pero sigue la duda

a terceira em um ano, obteve adesão praticamente total. A Argentina parou. Pararam os transportes, as fábricas, as lojas, os escritórios, as repartições públicas. Não houve aula nas escolas. Não funcionaram os telefones. As primeiras notícias indicavam que pelo menos oito milhões de pessoas aderiram à greve.

O governo também parou, mas não foi por ter entrado em greve. Foi porque já deixou de governar há algum tempo. Isso ficou claro na véspera da greve, com um episódio sem precedentes: o presidente do Banco Central, Julio Gonzalez del Solar (o Pastore de lá) foi preso ao desembarcar no aeroporto de Buenos Aires, vindo de mais uma rodada de conversações com o FMI. A prisão foi determinada pelo juiz federal Pinto Kramer, pela assinatura de acordos lesivos à soberania nacional. (O contrato de refinanciamento da dívida da estatal Aerolíneas Argentinas, "piloto" para as negociações relativas a todas as estatais, estabelecia a jurisdição do tribunal de Nova York. Ou seja, o governo argentino prometia obedecer às leis dos EUA.)

Com as negociações com o FMI sob investigação judicial, a Argentina teve que suspender todos os pagamentos ao exterior, à espera da decisão da Corte Suprema.

O incidente demonstra bem a atual situação do país. Por um lado, foram obtidas amplas liberdades democráticas, garantindo a independência do poder Judiciário. Mas significa também a total desmoralização da ditadura, o absoluto vazio de poder. Os mais altos executivos já não podem falar em nome da Argentina.

Quem fala pela Argentina? Também não são os políticos que prometem mundos e fundos para depois das eleições. Se os trabalhadores argentinos confiassem plenamente neles, esperaríamos mais 25 dias...

As massas argentinas falam por si neste dia de paralisação total. Querem o fim da exploração e da miséria. Querem o fim da submissão ao imperialismo.

Em pronunciamento na noite do dia 4, o presidente Bignone alegou que o governo não tem recursos para atender às reivindicações populares.

A nação argentina tem recursos. Basta que eles não sejam entregues ao imperialismo. Basta que eles sejam destinados à recuperação da produção, ao pagamento de salários decentes, em vez de serem enviados aos grandes banqueiros, em pagamento de uma dívida que não passa de um roubo.

O MAS chama à luta

Enquanto as duas centrais sindicais argentinas, os bispos, os políticos peronistas e radicais tentavam por todas as formas evitar a deflagração da greve geral, temendo pôr em risco as eleições marcadas para o próximo dia 30, o Movimento Al Socialismo - MAS insistia na necessidade de mobilização pelo fim imediato da ditadura e para barrar a entrega do país ao imperialismo.

Em agosto, por exemplo, o MAS afirmava: "Faltam dois meses e meio para as eleições, mas falta quase meio ano para a saída do governo responsável por este desastre. Quanto pode se aprofundar a entrega e a miséria neste meio ano! (...) Este governo prepara novos golpes contra a economia popular a cada semana que continua no poder. Hoje, quando centenas de milhares de trabalhadores estão em luta, é hora de aplicar um plano de luta visando à saída dos militares, à ruptura com o FMI, o não-pagamento da dívida externa". (Solidaridade Socialista, 18/8/83).

E em 22/9, quando as categorias em luta já somavam dois milhões de trabalhadores, mas as duas CGTs continuavam negando-se a generalizar essas lutas: "Os sindicatos e categorias que conseguiram alguma coisa, foram passando por cima de seus dirigentes. Esses dirigentes têm que se apressar antes que o país inteiro pare, sem esperar por eles."

O MAS apresenta-se às eleições como o único partido que defende o não-pagamento da dívida externa e o rompimento com o imperialismo. E afirma claramente que só a mobilização e a luta dos trabalhadores permitirão alcançar os seus objetivos.

Dessa forma, o MAS combina sua campanha com a mobilização e agitação de massas. Por isso se coloca como uma clara alternativa socialista, um pólo de referência para todos os revolucionários latino-americanos.

Argentina

Em meados de setembro, metade dos trabalhadores da Argentina estavam em luta. Mobilizavam-se por aumentos salariais os operários de diversas categorias, os empregados das estatais, os bancários, os professores, os ferroviários, os operários da construção civil. Entretanto, os dirigentes sindicais tentavam frear essas lutas e impedir sua unificação, a ponto de provocar a seguinte frase do jornal burguês Clarín: "Na Argentina, os únicos que não fazem greve são as duas CGTs."

Entretanto, as massas impuseram a greve geral. É de todo o povo argentino o combate contra o arrocho salarial, a elevação do custo de vida que já alcança 425% num ano, os brutais tarifazos (aumentos nas taxas de eletricidade, água etc.). Por isso a greve geral do dia 4 de outubro

Atendendo à convocação da Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru (CGTP), a principal das quatro centrais sindicais existentes no país, os trabalhadores peruanos realizaram uma greve geral de 24 horas no último dia 27, em protesto contra as medidas de austeridade impostas... adivinhem por quem? Sim, é claro, a receita do FMI é sempre a mesma, e começa pelo corte dos subsídios aos produtos alimentares. No Peru, essas medidas provocaram um aumento repentino de mais de 100% nos preços dos gêneros de primeira necessidade.

Mais de cem manifestantes foram presos, e dois foram mortos. Mas, além de paralisar parcialmente a capital e outras cidades, essa greve apontou o caminho para os outros países andinos. Os sindicatos da Colômbia, Bolívia, Equador e Venezuela também pretendem deflagrar greves de 24 horas contra as imposições do FMI.

Uma semana depois, toda a Argentina parou, num gigantesco protesto contra a política de fome do governo (veja matéria nesta página). Também contra o arrocho e o FMI será a greve convocada pela CUT brasileira no próximo dia 25.

O que temos em comum com os países andinos e os do Cone Sul, além de algumas fronteiras? Na Argentina (como no Chile, no Uruguai), anos de repressão encobriram o enriquecimento de uns poucos privilegiados, ao mesmo tempo que milhões de trabalhadores eram empurrados à miséria. Em outros países, como na Venezuela, mantiveram-se em funcionamento as instituições democráticas burguesas. Mas em todos eles multiplicou-se, muitas e muitas vezes, a dívida

externa, que já soma 300 bilhões de dólares em toda a América Latina.

Todos os governos da América Latina renegociaram, estão renegociando ou pretendem renegociar suas dívidas. Prometendo pagar novos juros sobre os juros dos juros do dinheiro que, na maioria das vezes, nem chegou a entrar em seus países.

O país A deve dinheiro aos bancos americanos? Poderá negociar com o governo americano um empréstimo em dólares que serão emitidos pelo Tesouro americano e entregues aos ditos bancos americanos... aumentando a dívida do país A.

O país B promete aos ianques ações das companhias estatais que não puderem quitar seus débitos. Ou seja, oferece de bandeja a propriedade das empresas públicas, que pertencem a toda a nação B.

As eventuais divergências nos acordos negociados entre o governo do país C e os EUA poderão ser resolvidas pelos tribunais de Nova York...

Peru e Argentina, países andinos, Brasil, Uruguai, Chile: qualquer um deles é o país A, e o B, e o C. Os EUA e o FMI tratam globalmente a dívida da América Latina, impõem a todos os países a mesma desnacionalização, desindustrialização, desemprego. Mas exigem negociar separadamente com cada um deles.

Porque sabem que os países latino-americanos juntos, os países devedores do mundo, juntos, podem se recusar a pagar essa dívida.

As represálias econômicas, o boicote dos fornecimentos, as injustas condições de comércio internacional podem ser combativos por uma frente dos países latino-americanos, pelo não-pagamento da dívida externa.

A América Latina diz NÃO ao FMI



6

Todo apoio aos trabalhadores chilenos no 6º Dia de Protesto, 11 de outubro!

Congresso da UNE e das UEEs

Até onde irá a traição dos conciliadores?

O isolamento a que ficaram submetidas as lutas nas diversas escolas nesse ano, apesar da existência das entidades gerais criadas ou reconstruídas já há algum tempo para unificá-las, não é fruto do acaso ou da inexperiência das direções.

A ação traidora das diretorias stalinistas da UNE e de diversas UEEs, que se negaram a unificar as lutas deste ano, já vem de muitos anos, é fruto do papel que estas correntes cumprem de defesa da burguesia, dos donos de escolas, dos governos de "oposição".

A postura de boicote ao dia 25/08 - Dia Nacional de Luta — marcado pelo último CONEB (Conselho Nacional de Entidades Gerais) da UNE não foi gratuita. Acontece, que estas direções estão contra que os estudantes apoiem a CUT e a Greve Geral no dia 25. Por isso, a recusa em unificar as lutas, que pela sua combatividade saíram dos muros das escolas e

chegaram a atingir a opinião pública, como foi o caso de Assis ou então de São Carlos. Isso para não falar da Greve da Rural do Rio, da luta da Sociologia e Política, dos boicotes da Fiam e de tantas outras escolas de SP e do Brasil, e mesmo da greve de fome dos estudantes de Ouro Preto. Todas essas lutas permitiam uma ação unificada que impactasse a opinião pública e se somasse com força à luta dos trabalhadores contra o governo, exigindo as reivindicações dos estudantes e preparando a Greve Geral. Mas os conciliadores, para dar apoio aos pelegos e enfraquecer o CONCLAT, traíram mais uma vez.

Uma marca registrada: A aliança com a Burguesia

Em todos os Congressos as correntes Stalinistas (Viração apoiadores do jornal Voz da Unidade e do jornal Hora do Povo). Foram as mais ardorosas defensoras da "ampla Frente", da "unidade de interesses" dos estudantes com o CRUB (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras) que está cheio de reitores bionicos escolhidos pela ditadura ou pelos governos estaduais, ou então com os donos de escolas. Está aí a origem da proposta de subsídios do governo para as escolas particulares, que afasta as entidades da luta pelo ensino público e gratuito e coloca-as no

caminho da manutenção do ensino pago. Segundo eles não era correto lutar contra os donos de escolas que exploravam os estudantes, pois estes eram do PMDB, partido que a diretoria da UNE apoiou nas eleições de 82.

Esta aliança com a burguesia, chegou ao ponto de tentar levar as entidades a perderem a sua independência, querendo atrelá-las ao aparato de Estado. Aos governos "democráticos" como o de Montoro que deixou a PM invadir o campus de Assis e espancar os estudantes no melhor estilo Erasmo Dias. Hoje, esta diretoria está do lado dos pelegos, contra a CUT e a Greve geral.

O Esvaziamento e Dissolução das Entidades

Ao não utilizar as entidades gerais para o fim para o qual foram criadas, ou seja, defender e unificar a luta dos estudantes e apoiar as lutas dos trabalhadores contra a ditadura e a exploração, única forma de conquistar as reivindicações dos estudantes, o Stalinismo conseguiu solapar em muito o respaldo de massas das mesmas, principalmente da UNE, que era muito representativa quando foi reconstruída. As direções stalinistas na cabeça das entidades têm levado a um esvaziamento das mesmas. E mais que isso, a beira da sua dissolução.

A briga entre os grupos que compõem as diretorias da UNE e das várias UEEs é uma mostra do aparelhamento da entidade por estas correntes, que estão interessadas na disputa de cargos e, irresponsavelmente, dissolvem a entidade. Hoje a UNE tem duas diretorias, que se acusam mutuamente e defendem diferentes orientações e posições em seu nome.

Recuperar a UNE e as UEEs para a defesa do ensino público e gratuito, estreitamente vinculada aos interesses dos estudantes e ao lado dos trabalhadores contra a ditadura é a maior tarefa dos estudantes que estão se elegendo em oposição a esses traidores, para os diversos congressos.

Congresso da UEE-SP:

O primeiro "round"

Para o Congresso da UEE-SP, até o fechamento desta edição, tinham sido eleitos centenas de delegados que estão pelo apoio à Greve Geral e à CUT.

Apesar dos esforços de Alicerce não foi possível a edição de teses unificadas a nível estadual, de todas as correntes e estudantes que se posicionam pela unidade com os trabalhadores, em oposição à diretoria da UEE. Mesmo assim, em muitas escolas e regiões isso foi feito, e acreditamos que a oposição neste congresso estará bastante forte.

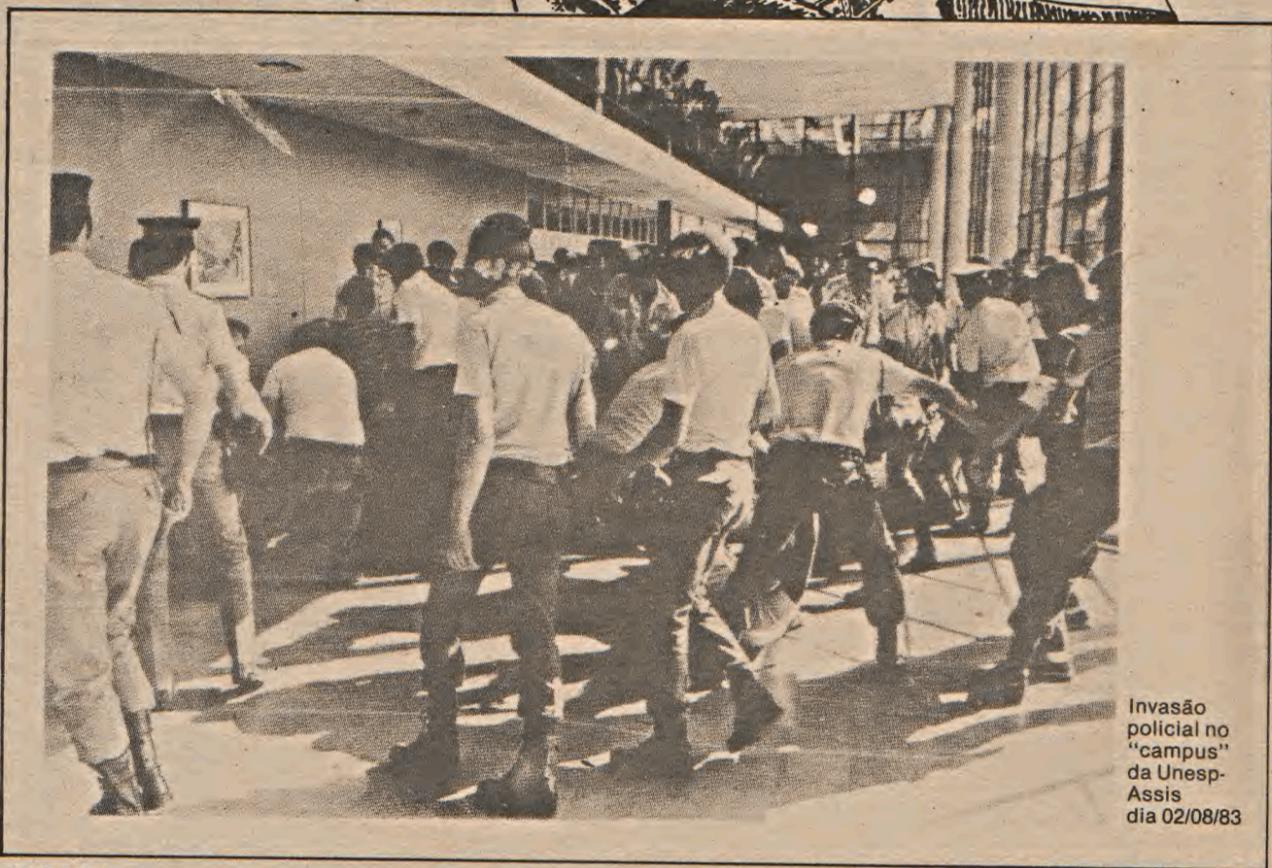
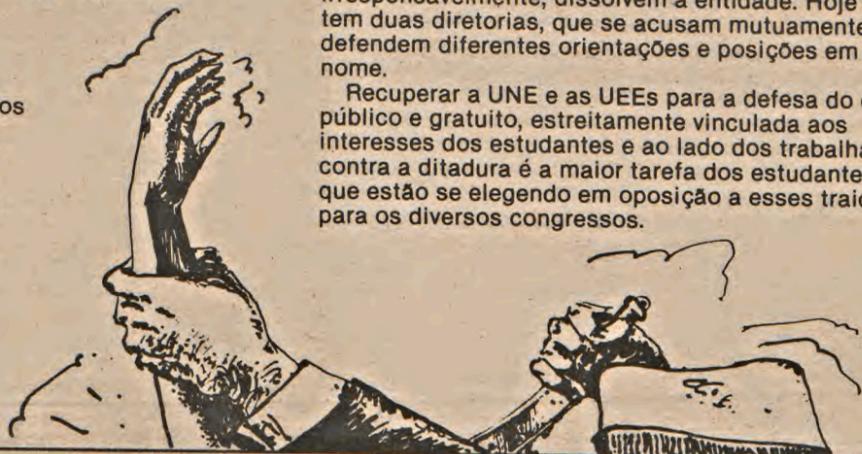
A possibilidade de derrotar a conciliação e fazer da UEE-SP um sindicato combativo em defesa do ensino público e gratuito, ao serviço da Greve do dia 25 e que apoie a CUT, estará nas mãos destes delegados da oposição.

Colocar a UEE-SP ao lado dos trabalhadores, na luta contra o pagamento da dívida externa e da miséria que a ditadura e o FMI impõem a nosso povo, é a única maneira de poder conquistar as reivindicações estudantis. Por isso, para fazer deste um Congresso vitorioso é preciso forjar a maior unidade no interior do mesmo. **Chegou a hora de dar um basta ao imobilismo e à conciliação. Os delegados da oposição não podem vacilar.**

Um chamado à Caminhando

Estes foram os companheiros mais renitentes, das correntes que se reivindicam de oposição, em lançar as teses unificadas. Diziam eles que não havia unidade política suficiente para lançar as teses unificadas. Entretanto, estes companheiros defendem a Greve Geral, a CUT e o seu programa. Dizem eles que isso não é suficiente. Por outro lado, alguns de seus dirigentes, têm falado da possibilidade de compor um bloco e mesmo uma chapa com Viração, desde que estes avancem em suas posições. Bem companheiros, Viração esteve na cabeça de todas as diretorias tanto da UEE-SP, como da UNE, e durante todos esses anos cumpriu o papel que todos conhecem. Viração está contra a CUT e apoia o Gov. do Sr. Franco Montoro. Não há unidade nenhuma entre o programa da CUT e as posições dos stalinistas de Viração.

Nós, ao contrário dos companheiros, pensamos que o programa da CUT é mais do que suficiente para colocar o movimento estudantil no caminho da mobilização contra a Ditadura, o não pagamento da dívida externa e o FMI e pela defesa das suas reivindicações. Por isso, chamamos os companheiros a jogarem no Congresso o mesmo papel que jogaram durante todo o ano nas lutas no interior das escolas, o papel de mobilizar os estudantes ao lado dos trabalhadores contra os stalinistas. O semi-cadáver de Viração não merece misericórdia.



Invasão policial no "campus" da Unesp-Assis dia 02/08/83

UEE-SP

Impedir a Fraude

Para que o Congresso da UEE-SP se realize é preciso garantir a maior lisura na eleição e inscrição de delegados. O boletim emitido por uma parte da diretoria da UEE-SP e também da UNE, acabando, na prática, com qualquer critério para a eleição dos delegados, pode destruir este Congresso, que é tão importante para o conjunto dos estudantes.

É preciso garantir o critério tradicional, que vigora desde sempre que é a exigência de um quórum mínimo de 30% de votantes em urna ou 20% em assembleia. Os delegados tirados nas escolas devem representar os estudantes, as

suas teses têm que representar o desejo dos estudantes.

A manobra de deixar a cargo de cada entidade de base a definição de um critério para as eleições, já foi rejeitada de maneira exemplar no último CEE (Cons. Est. de Entidades) da UEE-RJ.

Portanto, qualquer tentativa de fraudar este Congresso com delegados ilegítimos deverá ser repudiado pelo conjunto dos estudantes e das correntes que atuam e participam no movimento estudantil. Nenhuma fraude será tolerada.

CRAC!



Congresso da UPES

Nada de divisão. Por uma chapa pela Greve Geral e pela CUT

Este Congresso da UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas) vai ter uma importância fundamental para o movimento secundarista. Em primeiro lugar, porque acontece às vésperas da Greve Geral marcada pela CUT. Em segundo, porque os secundaristas de São Paulo conquistaram uma grande vitória, que foi a reabertura das escolas para as suas entidades. Por isso, mais do que nunca, os secundaristas estão em plenas condições de fazer uma unidade concreta e objetiva com os trabalhadores, para ajudá-los a dar um basta nesta ditadura, e com a ajuda deles arrancar do governo as suas reivindicações.

No Congresso da UMES-SP formou-se, na prática, uma frente combativa, responsável pela grande vitória que foi a aprovação das melhores propostas para o movimento. Em particular, a unidade com os trabalhadores.

Nesse congresso também ficou claro que as várias correntes do movimento (que têm posições diferentes acerca das mais diversas questões) hoje se aglutinam e se dividem em dois pólos fundamentais.

"Viração" e os apoiadores dos jornais *Voz da Unidade* e *Hora do Povo*, se unem e têm como objetivo fazer com que os estudantes ajudem os pelegos a furarem a Greve Geral do dia 25 e boicotarem a CUT. Também querem que os estudantes dêem apoio ao Secretário Paulo de Tarso para aumentar o apoio aos exploradores do povo e aos governos antipopulares de Montoro e Cia.

Por outro lado, as correntes que conformaram uma frente contra esses conciliadores foram Luta Secundarista, Alternativa, Alicerce e estudantes independentes, que têm hoje propostas comuns para o movimento.

No congresso da UPES não haverá

lugar para que um setor combativo faça oposição a outro. Estranhamente, o bloco combativo que se formou na prática no Congresso da UMES se compunha de Alicerce e de sua "Oposição"!!!

A defesa do ensino público e gratuito, a luta contra a repressão nas escolas, passam pela unidade dos estudantes com os trabalhadores, contra o governo. E por isso esta bandeira estará nas mãos daqueles que defendem a CUT e a Greve Geral do dia 25.

Os companheiros de Alternativa e Luta Secundarista defendem o apoio à

CUT e à Greve Geral. São contra o pagamento da dívida externa. Estão contra a proposta dos stalinistas de pedir subsídios para os donos de escolas. Defendem que nenhum aumento é justo nas escolas particulares. Alicerce concorda e defende essas mesmas propostas. Porque então Luta Secundarista e Alternativa continuam insistindo em organizar uma Oposição ao Alicerce? Os companheiros afirmam ter diferenças quanto ao balanço da gestão

Alicerce na diretoria da UPES. Dizem que Alicerce não faz trabalho sindical direito.

Pensamos, que não há sentido na divisão de quem tem as mesmas propostas básicas. Nós temos diferenças, realmente não concordamos com o balanço que a Oposição faz da gestão Alicerce. Mas o mais importante neste momento é não deixar que no Congresso da UPES e nas eleições da UMES em novembro ganhem os burocratas stalinistas. Se o problema é o trabalho sindical, vamos discutir juntos como melhor fazê-lo. Se os companheiros acham que faltou e que falta um melhor trabalho de base no interior das escolas, propomos que formem uma chapa combativa com Alicerce e que na próxima diretoria estruturemos um trabalho sindical melhor.

Alicerce refaz o chamado a uma plenária democrática, no dia e local do Congresso, para formar uma chapa combativa para concorrer às eleições da UMES em novembro e para estruturar uma intervenção conjunta no Congresso da UPES.



400 núcleos:

A campanha na reta final!

As bandeiras do Alicerce chamando à greve geral no dia 25 de outubro foram vistas participando das diversas manifestações contra o 2045 no último dia 30. No Rio de Janeiro, em Recife, em São Paulo, os socialistas saíram às ruas, chamando a unidade de todos os trabalhadores, estudantes, desempregados e todos os setores explorados na luta contra o governo.

Alicerce da Juventude Socialista apoia ativamente a luta dos trabalhadores e, por isso, coloca suas sedes a serviço dos ativistas que preparam o dia 25, para que venham se reunir, venham fazer cartazes, venham pegar material para divulgar a greve geral (os adesivos e folhetos da CUT) e, também, discutir o momento político que estamos vivendo, trocando idéias sobre nosso jornal.

É neste processo de preparação e organização da greve geral do dia 25, que queremos encerrar vitoriosamente nossa campanha de núcleos de leitores e vendedores de nosso jornal, chegando aos 400 núcleos. É um momento privilegiado, pois o clima de expectativa é crescente. Nosso jornal pode cumprir seu papel de apresentar a posição dos socialistas sobre os principais acontecimentos da realidade.

Durante estes últimos três meses, centenas de jovens como você se reuniram em pequenos grupos de 2, 3, 4, para lerem e discutirem nosso jornal. Muitas vezes a polêmica foi grande em

torno de nossa proposta de **Não pagamento da dívida externa**, como resposta à expropiação imperialista, e também em torno de nossa reivindicação **Fora Figueiredo e Fora Delfim**. Agora não se trata apenas de discutir: os 5.000 delegados do CONCLAT adotaram estas bandeiras e a CUT está preparando o dia 25 para iniciar a luta pela conquista destas reivindicações. Chegou a hora de todos que nos acompanharam neste período, lendo e discutindo nosso jornal nos núcleos, ou individualmente, participarem ativamente na luta por estas conquistas. Vamos nos integrar todos ao processo de preparação do dia 25, transformando nossos núcleos em cada escola, cada fábrica, cada bairro, em verdadeiros Comandos de Base chamados pela CUT, integrando todos os que estão pela greve geral. Continuaremos a discutir o jornal, para melhor entendermos a luta que estamos travando, mas também organizaremos nosso local de estudo ou trabalho para parar no dia 25 e participaremos das atividades de panfletagens e pixações que o comando regional organizar.

Se você ainda não conhece a sede do Alicerce mais próxima a sua casa, pergunte ao companheiro que lhe vende o jornal onde fica e o horário da reunião do final de semana, aí vamos discutir este jornal e organizar as atividades da próxima semana.

São Paulo		
Bom Retiro	3	8
Şantana	6	16
Tucuruvi	4	12
Brasilândia	2	8
Santo Amaro	6	28
Cidade Ademar	6	43
Ipiranga	13	50
Penha	7	34
Lapa	2	5
Centro	2	5
Universitários	7	24
Santo André	19	60
São Bernardo	9	35
São Caetano	3	16
Diadema	3	14
Osasco	2	8
Guarulhos	6	36
Santos	5	16
Jundiaí	1	4
Campinas	9	46
Sorocaba	3	10
São Carlos	15	56
Araraquara	4	11
Ribeirão Preto	8	18
São José dos Campos	9	25
Mogi das Cruzes	3	12
Rio de Janeiro		
Centro	11	36
Méier	8	26
Tijuca	9	23
Niterói	3	12
Caxias	2	5
Universidade Rural	2	7
Volta Redonda	6	34
Rio Grande do Sul		
Porto Alegre	35	80
Passo Fundo	9	32
Santa Maria	5	12
São Leopoldo	4	11
Florianópolis	2	7
Curitiba	1	4
Minas Gerais		
Belo Horizonte	12	30
São João Del Rey	3	10
Brasília		
Brasília	15	41
Campo Grande		
Campo Grande	4	15
Pernambuco		
Recife I	14	49
Recife II	7	29
Fortaleza		
Fortaleza	3	7
Belém		
Belém	22	62
Imperatriz		
Imperatriz	5	20
Manaus		
Manaus	8	28
Natal		
Natal	1	6
Maceló		
Maceló	1	3
TOTAL	358	1.179

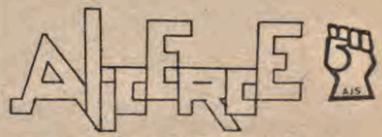
Envie urgentemente os logotipos para o jornal. No próximo número se encerra o concurso... Mãos à obra!



1) — Fabinho - São Leopoldo (RS)



2) — Ralf - Mogi (SP)



3) — Sales Rosa - São Leopoldo (RS)



4) — Del - Osasco, ex-Santos (SP)



5) — Del - Osasco, ex-Santos (SP)



6) — Del - Osasco, ex-Santos (SP)